

DGRH/I

CC/IEL

10.6

PASTA Nº 01

Esta pasta que contém comprovantes curriculares de:
ROSA ATTIE FIGUEIRA, numerados de 01 a 02, refere-se
ao processo 1040/73, contratação em nome da interes-
sada.

DGRH, 06.10.83.

Glúcia

Fls. N.º	02
Proc. N.º	01
Rub.	Alina

SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO DE CAUSATIVIDADE: UMA HIPÓTESE SINTÁTICA *

INTRODUÇÃO

VERBOS CAUSATIVOS EM PORTUGUÊS

DADOS E DISCUSSÃO

1.

2.

3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ROSA ATTÍE FIGUEIRA
UNICAMP

*Artigo integrante do livro organizado por Cláudia T. G. de Lemos:
Aquisição do Português: uma Perspectiva Interacionista .



INTRODUÇÃO

Em trabalhos anteriores (Figueira 1977, 1982), onde examinamos desvios na aquisição do léxico por uma criança aprendendo a falar português como sua primeira língua (Anamaria; 2;8 a 3;1), chegamos a propor vários tipos de relações semânticas subjacentes aos usos desviantes encontrados: relação de antonímia, relação de reciprocidade, relação de complementaridade, relação de superposição parcial de sentido, relação de causatividade.

As três primeiras, de que são exemplos as trocas de abaixar por levantar, ganhar por dar, apagar por acender, respectivamente, poderiam ser agrupadas sob a rubrica mais ampla de troca de itens que mantêm entre si uma relação de *oposição de sentido*.

Quanto aos outros dois tipos, de que são exemplos, respectivamente, quebrar por rasgar e sair por tirar, trata-se de duas classes distintas. Na primeira está envolvido o fenômeno de 'overlapping' de sentido, semelhante àquele descrito em estágio inicial de aquisição da linguagem por Clark (1973); quanto à outra classe de desvio, o que se observa é o emprego de um verbo não-causativo por um verbo causativo. É esta classe de desvios que pretendemos focalizar neste artigo, integrando-a, porém, no tema mais amplo que é o estudo da aquisição da expressão de causatividade no português¹. Para tal, usaremos dados do mesmo sujeito, abrangendo, porém, um período mais extenso da aquisição da língua materna.



2

Fl. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

VERBOS CAUSATIVOS EM PORTUGUÊS

Os verbos causativos tem sido um tópico importante na pesquisa linguística da última década (Vendler 1967, McCawley 1971, Dowty 1972).

Dowty (1972), seguindo a proposta de Vendler (1967), considera que os verbos causativos expressam "accomplishments". De acordo com este autor, uma sentença contém um verbo "accomplishment" se ela expressa (1) a noção de um ato ou evento no qual o sujeito está envolvido e (2) uma mudança específica de estado resultante deste ato ou evento. Assim por exemplo, "John killed Harry", implica que John fez alguma coisa e que Harry veio a estar morto em consequência desta ação. "Accomplishments" devem ser distinguidos de dois outros tipos: "activities" e "achievements". "Activities" (tais como: look, laugh, run, etc) não implicam uma mudança de estado; por sua vez, os "achievements" (tais como: notice, lose, die, etc), embora impliquem uma mudança, não implicam que algum ato ou evento envolvendo o sujeito produziu esta mudança.

Descrevendo a expressão de causatividade, Lyons (1968: 359-360) mostra que o inglês tem diferentes meios para expressar causatividade. O mesmo acontece com o português, onde os verbos causativos resultam de:

a) processos morfológicos que exibem maior ou menor produtividade. Ex: rico / enriquecer ; legal / legalizar; etc.

b) formas supletivas, relacionadas no léxico. Ex: ver / mostrar ; morrer / matar , etc.

c) processos sintáticos, como a inserção de um item de configuração morfológica idêntica numa estrutura intransitiva e numa estrutura transitiva. No primeiro caso o item expressa estado ou processo; no segundo ele se torna interpretável como a ação que causa este estado ou processo. Ex: A porta abriu / João abriu a porta; O lápis quebrou / João quebrou o lápis.

d) expressões perifrásticas tais como "fazer + verbo incoativo", "deixar + verbo incoativo". Ex: João fez o cavalo saltar; João deixou a jatro cair.

Tais expressões podem ser vistas como paráfrases de verbos causativos (classes a, b e c acima), e têm um 'status' especial, no sentido de que parecem ^{de maneira independente}exibir os componentes semânticos de expressões causativas: causatividade e mudança (predicados CAUSE e BECOME na descrição de McCawley, **op. cit.**).

DADOS E DISCUSSÃO

O sujeito desta pesquisa é uma criança de classe média (Anamaria, = A), cuja produção linguística tem sido estudada longitudinalmente, de 2;8 a 5.

Os dados utilizados no presente trabalho são provenientes de duas fontes. A primeira consiste de gravações de 30 a 45m, referentes ao período de 2;8 a 3;4, em que a criança interage informalmente com um interlocutor adulto, na maioria das vezes, a mãe. A segunda é o diário feito pela mãe (a própria pesquisadora), que contém dados de 2;8 a 5.

Um grande número de verbos causativos e dois tipos de expressão causal perifrástica (fazer + V ; deixar + V) são encontrados no 'corpus' de A. Contudo, no período coberto pelos dados, ao lado de instanciações aparentemente corretas destes verbos, ocorrem também erros sistemáticos no uso da expressão adequada para causatividade e não-causatividade. Estes erros sistemáticos podem ser descritos como pertencendo a duas classes:

1. uso de um item não-causativo por um item causativo, como se vê no Quadro 1.

2. uso de um item causativo por um item não-causativo, como se vê no Quadro 2.

(inserir Quadro 1 aqui)

(inserir Quadro 2 aqui)

R

Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
R.º	_____

O primeiro quadro apresenta verbos impropriamente usados como causativos. Uns são intransitivos como acabar, cair, dormir, morrer, sair, etc; outros são transitivos, como aceitar, aprender, achar, conhecer, etc; ou, na terminologia de Lyons, monovalentes os primeiros e bivalentes os segundos (para o conceito de valência, ver Lyons 1966 e 1977). O que nos levou a incluí-los numa só classe é o fato de que tanto num caso como no outro, o item ausente (o "correto") é um item de valência uma (1a) vez superior ao item que efetivamente ocorre e este aumento de valência corresponde à presença de um lugar adicional ("additional place") para a expressão do agente iniciador da mudança de estado/locação expressa pelo verbo. Assim, o monovalente morrer está pelo bivalente matar e o bivalente aprender está pelo trivalente ensinar. Em ambos os casos, a diferença, que é de uma valência, serve à expressão do mesmo conteúdo semântico: causatividade.

O segundo quadro apresenta verbos impropriamente usados como incoativos. Uns são trivalentes como ensinar e procurar, outros são bivalentes como matar e tirar. O que nos levou a tratá-los como desvios de um só tipo é o fato de que num e noutro caso, o item ausente (o "correto") é um item de valência uma vez inferior ao item que efetivamente ocorre e este decréscimo de valência ^{corresponde} à ausência sistemática do mesmo conteúdo semântico: agentividade.

Os desvios do primeiro e segundo tipo não apresentam a mesma distribuição de frequência ao longo do período estudado: a incidência do primeiro tipo é mais alta entre 3;1 a 4;4; enquanto a incidência do segundo tipo é mais alta entre 4;2 a 5. (ver Figura 1). Tal distribuição torna possível olhar para a aquisição da expressão lexical de CAUSA por A como dividida em duas fases:

- fase A: caracterizada por desvios do primeiro tipo;
- fase B: caracterizada por desvios do segundo tipo.

Com base nesta distribuição ou, em outras palavras, nestas duas fases do desenvolvimento de A, tentaremos formular uma hipótese suficiente-




Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

mente ampla para explicar a produção de sentenças como você saiu o esmalte por você tirou o esmalte de um lado e a produção de sentenças como tirou o esmalte por saiu o esmalte/ o esmalte saiu, de outro lado ².

Nesta altura seria interessante notar que desvios do primeiro tipo já foram descritos e analisados por Bowerman (1974) no que concerne à aquisição do inglês como língua materna.

De 2;6 até por volta de 3;8, Christy - sujeito de Bowerman - produziu um grande número de estruturas em que verbos, adjetivos e partículas locativas eram usadas como verbos transitivos, ou seja, significando algo como "cause the event normally referred to by this word to come about" (Bowerman 1974:143). São exemplos deste uso as ocorrências abaixo:

(C., com dificuldade em sustentar a porta do refrigerador aberta)

C. Mommy, can you stay this open? (I make this stay open;
keep this open). (2;6)

(C., diante de um brinquedo musical, de dar corda)

C. I'm singing him. (I I'm making him sing) (3;1)

(C. espiando com insatisfação sua mamadeira que a mãe tinha enchido apenas parcialmente)

C. Pull it up! (I make it full; fill it up) (2;3)

(Bowerman 1974: 143-145)

Bowerman sustenta que, quando Christy começou a usar verbos causativos em sentenças de 2/3 palavras - em período anterior ao das ocorrências acima - os verbos eram essencialmente formas não-analisadas, não tendo ainda a criança consciência de sua estrutura interna. Segundo a autora, aquelas formas só poderiam ser consideradas como tendo sido analisadas pela criança, quando da emergência de desvios como os que foram adiante registrados na fala de

[Assinatura]

[Assinatura]

6

Fls. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Revisão	_____

Christy. Neste ponto, os desvios ganham um destaque muito grande na análise, uma vez que serão interpretados como uma evidência de que a criança - por um processo de generalização, subsequente a um esforço de análise - teria incorporado ao grupo dos verbos do tipo de "open", "break" e "warm", cujas formas causativas e não-causativas são idênticas, muitos outros de seu léxico. Depois de ter sido exposta a um número suficiente de ocorrências de "open" e "broke" como causativos e não-causativos, Christy teria construído uma regra sobre ITENS LEXICAIS POSSÍVEIS. De acordo com Bowerman a hipótese da criança é

"that whenever the semantics concepts of state or a change of state plus an action or circumstances which maintains this or brings this about come together in an intended utterance, these can be expressed by a single lexical item. In creating her idiosyncratic verbs she simply uses the non-causative word without modification as a transitive verb with a causative sense (...)"

(Bowerman 1974 : 152)

Notemos que a explicação dada por Bowerman para os desvios de Christy estabelece que, ao tempo dos erros, a criança já domina a oposição causativo/não-causativo, faltando-lhe apenas o domínio da expressão morfológica, lexical desta diferença.

A primeira vista, os dados de aquisição do português por A parecem fornecer evidência adicional para a hipótese de Bowerman, descrita no artigo acima mencionado. Porém, um grande número de ocorrências em que verbos causativos foram usados por não-causativos, isto é, o tipo de erro inverso levaram-nos a formular uma hipótese mais geral, mostrando que a estratégia da criança na direção de aprender como expressar causatividade e não-causatividade é sintaticamente motivada. Tentaremos mostrar que seus erros são consequência da relação estabelecida entre ordem sintática e

[Handwritten signature]

R

Flo. N.º	_____
Proc. N.º	_____
R.º	_____

codificação de conteúdos nocionais³.

2 . Começamos por examinar os desvios do primeiro tipo, apresentados no Quadro 1. Na coluna de verbos não-causativos, três diferentes sub-classes podem ser reconhecidas:

i. verbos "achievement", que ocorrem em estruturas N V ou V N: cair, dormir, escorregar, morrer, nascer, sair, sumir, etc. Por ex: Ele vai dormir; Ele morreu. Nos enunciados da criança, tais verbos ocorrem em estrutura de dois lugares (N V N), um deles - a posição de sujeito - sendo ocupada pelo agente. Ex:

Eu vou dormir ele (o boneco) aqui. (4;7.27)

Quem morreu ele ? (4;5.19)

ii. verbos "achievement", que ocorrem em estruturas N V N: aprender, conhecer, perder, etc . Por ex: Eu aprendo a desenhar; A menina conhece a boneca. Nos enunciados da criança, eles ocorrem em estrutura de três lugares, um deles - a posição de sujeito - sendo ocupada pelo agente iniciador do processo. Ex:

Mãe, cê aprende eu desenhar ? (3;8.4)

Eu vou conhecer (a boneca) prá Alessandra: (4;8.12)

iii. verbos não-achievement, que ocorrem em estrutura N V: jantar, passar, pular, viajar, etc. Por ex: Eu pulo; A boneca vai viajar. Nos enunciados da criança, eles ocorrem numa estrutura de dois lugares (N V N), um deles - a posição de sujeito - ocupada pelo agente. Ex:

Pula eu, mãe ! (3;9.18)

Deixa eu viajar a menina. (3;9.29)

As subclasses acima levam ^{a fazer} a seguinte generalização: no período da incidência mais alta destas ocorrências, uma grande parte das vezes que a criança tem que expressar (ou solicitar) uma mudança de estado/locação de

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Fla. N.º _____

Proc. N.º _____

Rub. _____

um objeto, realizada (ou a ser realizada) por um agente, este agente é colocado na posição de sujeito, numa estrutura N V N ou N V N N. O verbo não se desdobra numa construção com o verbo fazer, nem é substituído pelo item causativo complexo no léxico. Isto faz supor que a criança tenha tomado a ordem sintática, que é um dos meios para codificar causatividade, como o recurso suficiente e relevante para a expressão deste conceito:

N V N = Agente Ação Objeto .

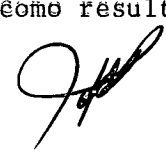
Desta maneira, os desvios do Quadro 1 podem ser interpretados como procedendo da aplicação da seguinte regra:

estrutura transitiva expressa causatividade .

É possível que esta regra tenha sido formulada com base não somente no comportamento dos verbos causativos da classe c, mas também a partir dos verbos da classe a e b, que também são transitivos, e que ela seja aplicada a situações em que mudanças de estado ou locação são associadas a um agente iniciador.

Quando aplicada a verbos tais como cair, dormir, sair, jantar, não-causativos, que podem ter sua valência aumentada de 1 para 2, como mostra suas contrapartes bivalentes derrubar, fazer dormir, tirar, fazer jantar, e quando aplicada a verbos tais como aprender, conhecer, não-causativos, que podem ter sua valência aumentada de 2 para 3, como mostra suas contrapartes trivalentes ensinar, apresentar, a regra acima formulada dá lugar aos desvios relacionados no Quadro 1.

Conseqüentemente, o uso de dormir em Eu vou dormir ele aqui e de aprender em Cê aprende eu desenhar? é explicado como resultante da inser-




Flo. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

ção de um verbo ^{não-}causativo - mono ou bivalente - numa estrutura que o torna causativo - bi ou trivalente. Em outras palavras, nossa proposta é a de que a criança selecionou um processo sintático para codificar causatividade, negligenciando outros recursos expressivos (o recurso lexical sendo um deles).

Neste ponto, convém notar que a hipótese proposta por Bowerman e a hipótese que estamos levantando podem ser consideradas como diferindo apenas em consequência de perspectivas diferentes tomadas em relação ao mesmo tipo de dado. Com efeito, verbos causativos são verbos transitivos (transitivos de dois nomes ou transitivos de três nomes). Assim alguém poderia afirmar que os erros que as crianças fazem ao aprender a oposição entre estruturas V N (ou N V N) com verbos não-causativos e estruturas N V N (ou N V N N) com verbos causativos são interpretados do ponto de vista do verbo, por Bowerman, e do ponto de vista da estrutura sintática neste artigo.

A nosso ver, existem muitas vantagens em assumir o ponto de vista sintático mencionado acima.

Em primeiro lugar, a relação entre estruturas N V N e a expressão Agente Ação Objeto, sobre a qual nossa hipótese está baseada, tem sido frequentemente e estreitamente ^{associada} na literatura psicolinguística. Bever (1970) foi o primeiro autor a enxergá-la como uma estratégia perceptual básica: "An N V N sequence within a potential internal unit in the surface structure corresponds to Actor-Action-Object" (Bever 1970:298). Evidência experimental na mesma direção nos veio através dos estudos de Sinclair e Bronckart (1972), conforme se pode ver pelo relato abaixo:

"Sixty-eight French-speaking children between the ages of 2 years, 10 months and 7 years were asked to guess the meaning of 30 deviant three-word utterances, resembling utterances spontaneously produced by very young children. Utterances consisted of two nouns (without articles) and a verb (in the infinitive), or one noun and two verbs. Verbs were transitive or intransitive; the two N's plus transitive V combinations transposed into either reversible (boy opens box) sentences.

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Fl. N.º	_____
Proc. N.º	_____
P.º	_____

All the three-word combinations were represented in the six possible words orders. According to age, children chose different strategies to interpret the utterances: the developmental trend was clearly towards the strategies by which the relative position of the two nouns determined the interpretation: the first noun was taken to be the subject; the second noun the object".

(Sinclair & Bronckart 1972:329)

Outros estudos sobre a interpretação de crianças relativa a sentenças passivas (Slobin 1966; Sinclair & Ferreiro 1970; Bever 1970) demonstraram também que existe uma tendência da criança em interpretar a ordem das palavras em termos de relações funcionais: sequências N V N eram decodificadas como Agente-Ação-Objeto.

Mas a evidência mais forte em favor de nossa hipótese vai ser encontrada nos próprios dados da pesquisa, no que concerne aos erros de nosso sujeito com outros tipos de sentença do português, isto é, sentenças que diferem da sentença canônica N V N. Esta evidência interna provém dos erros de A relativos a: verbos sem sujeito, como fazer calor (I); verbos que pedem sujeito sentencial, como não tem jeito de (II); verbos intransitivos que pedem sujeitos não-agentivos, como coçar (III).

I. Erros com S's sem sujeito.

(a mãe censura a cr. por ter tirado a roupa na festa do dia anterior)

M. Todo mundo de vestido! Você foi a única que tirou a roupa!

Cr. Mas / mas a roupa tava muito calor. (= mas a roupa tava fazendo sentir muito calor)

(3;2.27)

II. Erros com verbos que pedem sujeito sentencial.

(uma amiga da cr. estava impossibilitada de brincar com ela; a mãe insiste em saber a razão)

M: Anamaria, mamãe tá perguntado se a Ana Lúcia tá aí.

Cr. Não.

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

M. Vai chamar Ana Lúcia prá brincar, vai .

Cr. Ela não tem jeito... (= não tem jeito dela (vir))

(3;2.13)

III. Erros com verbos intransitivos que se constroem com sujeitos não-agentivos.

(a cr. está vestida com meias longas; a mãe percebe que ela está desconfortável)

M. Tã sentindo calor ?

Cr. Tô coçando na perna. (= Minha perna está coçando)

OBS: A criança não estava se coçando, mas sentindo coceira.

(4;3.12)

(a mãe olha em direção a irmãzinha de A, que acaba de por algo em sua boca)

M. Tã pondo tudo na boca, né Juliana? E o dentinho querendo nascer?

Cr. (interessada). Ela tã nascendo dente?

(4;1.15)

(contando à empregada os últimos acontecimentos)

Cr. Ô Nenzinha! Ela tã nascendo dente. Ela me mordeu doído mesmo.

(4;4.5)

(falando com a empregada)

Cr. Ih, a Ju vai nascer dente ! (= O dente da Ju vai nascer; Vai nascer dente na Ju)

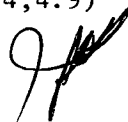
(4;4.7)

(junto com a irmã no cercado, a cr. não quer ficar ao alcance de sua boca)

Cr. Não, Juliana, eu não posso ficar aí ... Cê tã nascendo dente.

(= seu dente está nascendo; está nascendo dente em você)

(4;4.9)




Flo. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

(falando sobre seu aniversário, a cr. se dá conta de que outras pessoas também fazem aniversário)

Cr. Eu fiz aniversário do meu pai, minha mãe... Mãe, quando a Ju faz aniversário? (= Meu pai fez aniversário, minha mãe...)

(4)

(a cr. ganha dois anéis de seu pai; fica radiante; a mãe lhe diz para ter cuidado com eles)

Cr. Cê vai durar/ vai durar prá todo eu crescer? (= Vai durar até eu crescer?)

M. Hum-hum.

Cr. Prá quando eu crescer?

(4;10.27)

(mesmo contexto acima)

Cr. Vou te contar uma coisa bem verdade, Vai durar esse (anel) bastante? (= Esse (anel) vai durar bastante?)

M. Vai.

(4;10.27)

As duas últimas ocorrências representam as tentativas da criança para expressar um estado de coisas que não tem agente ou que é impossível de ser imputável a um agente. Estas tentativas mostram as dificuldades de A com estruturas não-agentivas e sua tendência em manipular uma estrutura básica N V N. O primeiro Cê vai durar (o anel) prá todo eu crescer? é sua versão N V N de um conteúdo estativo e sem agente. O segundo Vai durar esse bastante?, que no português adulto tem esse em posição de sujeito - esse vai durar bastante? - pode ser interpretado como resultante da tendência da criança em preservar a posição de sujeito para o agente e a posição pós-verbal para o objeto, mesmo no caso de expressões estativas.

A primeira ocorrência a roupa tava muito calor também requer alguns comentários. No período compreendido entre a emergência desta constru-

ção até à emergência de construções sem sujeito tava muito calor (com a roupa), dois tipos de construção para a expressão de temperatura foram encontrados no 'corpus' de A:

a) com o verbo fazer, a posição de sujeito sendo preenchida pela entidade concretamente envolvida na mudança de temperatura. Ex:

(a mãe pede à cr, para tirar o macacão porque está calor)

Cr. Não é o macacão que tá fazendo calor, é a camiseta.

(3;2)

(sentindo-se encalorada)

Cr. O vestido tá fazendo calor.

(3;2)

(a cr. e sua amiga estão deitadas na cama; a amiga sugera à cr. para tirar a colcha)

Cr. Nu...nu...Ah, mas essa (colcha) num faz calor.

(3;2.13)

b) com a copula estar, a entidade produzindo a mudança de temperatura ocupando a posição de objeto.

(a mãe censura a cr. por ter tirado sua blusa de pijama)

Cr. Eu tô com calor com ela.

(3;6.8)

Estes tipos de construção não podem, a rigor, ser considerados desviantes: O segundo tipo (b), por exemplo, é normalmente usado no português adulto. Apesar disto, eles foram mencionados porque foram os únicos tipos de construção usados para expressar mudança de temperatura, num certo período do desenvolvimento linguístico da criança. De fato, expressões impessoais,

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Fls. N.º _____

Proc. N.º _____

Rub. _____

tais como faz calor (com essa roupa), onde a posição de sujeito é vazia, não ocorreram no mesmo período. Apenas aos 3;6.8 A produz Eu tô com calor com ela e, somente depois, a construção impessoal como a que foi mencionada.

Comparando os dados apresentados acima com os desvios do primeiro tipo, a necessidade de relacionar os dois conjuntos de ocorrências numa hipótese mais geral torna-se clara.

a roupa tava muito calor

(papai) não apanhou eu

(a roupa tava fazendo sentir calor)

(= papai não me bateu)

ela vai nascer dente

(...) este balanço vai te cair

(o dente dela vai nascer)

(= este balanço vai te derrubar)

tô coçando na perna

eu saio você do berço

(= minha perna tá coçando)

(= eu tiro você do berço)

eu fiz aniversário do meu pai

eu vou morrer essa (formiga)

(= meu pai faz aniversário)

(= eu vou matar essa (formiga))

cê vai durar (o anel)

a Luísa veio uma menina hoje aqui

(= o anel vai durar)

(= a Luísa trouxe uma menina hoje aqui)

É importante notar o fato de que a hipótese da Bowerman implica na atribuição de uma saliência perceptual à classe c dos verbos causativos. De fato, ao afirmar que ao tempo em que os desvios ocorreram, a criança já lidava com a oposição causativo vs não-causativo ao nível do conteúdo, a autora assume que a criança, ao organizar o sistema de expressão de causatividade que está em vias de aquisição, toma a classe c como paradigmática ou como mais "saliante" do que as outras classes. Por outro lado, a nossa hipótese quer deslocar a atenção para a estrutura sintática em que o verbo ocorre, atribuindo a ela e não ao item, saliência perceptual. Consequentemente, a noção invocada por Bowerman de

"item lexical possível" corresponde à noção de "estrutura sintática possível" em nossa hipótese. Esta interpretação, colocando a ênfase sobre o aspecto sintático se mostra superior à outra, uma vez que, ^{examinando com mais atenção vemos que} os verbos da classe c não podem ser considerados salientes enquanto itens lexicais, já que a única diferença formal entre causativo e não-causativo é, neste caso, o contexto em que eles são inseridos. Assim, se quebrar e abrir podem ser vistos como um 'locus' primário de onde os desvios são gerados, parece não haver dúvida de que é enquanto parte das estruturas em que eles adquirem seu sentido (causativo ou não causativo) que eles se tornam a fonte para a criança estabelecer a oposição semântica em questão. Uma implicação da hipótese de Bowerman é a suposição de que para a criança é mais fácil aprender a codificar noções semânticas através de uma forma única do que codificá-las através de duas formas diferentes, o que não parece razoável como princípio de aprendizagem. Aliás, isto vai contra o princípio de Slobin (1973), segundo o qual "*relações semânticas subjacentes deverão ser marcadas aberta e claramente*".

3. Antes de entrar na discussão dos desvios do segundo tipo, seria útil lembrar que a evidência empírica de Bowerman para o domínio de estrutura interna dos verbos causativos consiste de instanciações de causativos perifrásticos com make e get, no período de uso de não-causativo por causativo por Christy, ou seja, daquilo que estamos chamando de desvios do tipo 1.

No 'corpus' de A a ocorrência de perífrases causativas tem o seu pico de frequência no estágio que estamos chamando de B, isto é, quando são registradas em maior número instanciações de causativos por não-causativos (ver figura 1).⁴

A produção em larga escala destes dois tipos de construção num

[Assinatura]

[Assinatura]

Fl. N.º _____

Proc. N.º _____

Rub. _____

mesmo momento do desenvolvimento linguístico da criança pode ser interpretada, como procuraremos mostrar, como uma fase em que a criança exercita formas de expressão de conteúdos que estão interligados: causatividade e não-causatividade. Trata-se, no caso da causatividade, de marcar a existência de um agente numa mudança de estado ou locação; e no caso da não-causatividade, de expressar a inexistência de um ser como responsável por uma mudança de estado ou locação.

Como já dissemos atrás, um grande número de ocorrências desviantes, ou seja, aquelas que classificamos como de tipo 2, são caracterizadas pelo uso de um verbo causativo (bi ou trivalente) por um verbo não-causativo (mono ou bivalente).

Nossa hipótese é de que, neste período (4;2 a 5), a produção linguística da criança mostra uma tendência em tornar construções causativas (ou agentivas) em expressões sem agente (ou não-agentivas), em oposição à fase A (3;1 a 4;2) em que sua tendência era "agentivizar" construções não-agentivas. Para nós, neste caso como no outro, o mecanismo que a criança escolhe para a expressão de conteúdos em que a noção de agente está envolvida é o sintático, pouca atenção sendo dada às marcas que os itens verbais tem no léxico.

Tentaremos explicar tomando como exemplo a ocorrência tirou o esmalte por o esmalte saiu / saiu o esmalte.

Em primeiro lugar, é preciso notar que tirou o esmalte não pode ser olhada como uma instanciação de uma sentença em que o sujeito foi apagado devido a sua ocorrência prévia no discurso ou à presença de seu referente no contexto imediato. Na verdade, tirou o esmalte ocorre em situações em que a única interpretação possível é a de descrição de uma mudança de estado em que não há participação de agente.

É bom notar que no português adulto, para expressar uma mudança de estado sem intervenção de agente, pode-se ter tanto VN quanto NV: o es-



malte saiu / saiu o esmalte. O verbo é monovalente, a posição do N podendo ser prê- ou pós-verbal.

Dito isto, o que se pode observar nos enunciados de A é uma monovalência com tendência à posição fixa: a maioria dos enunciados com o verbo tirar (= sair) têm a ordem V N⁵.

Para nós, estas construções V N refletem uma tendência a preservar a ordem S V O, quando no evento a ser expresso não existe agente. O objeto não passa para a posição anterior ao verbo, ficando posposto. Pareceria assim que a posição anterior ao verbo é reservada para o agente. A mesma interpretação parece dar conta de ocorrências tais como vai durar esse bastante?, já comentada atrás.

Temos motivos para pensar que este procedimento é geral na produção linguística da criança durante o período em questão. Atinge não só os causativos lexicalizados como tirar, matar, etc; mas também aqueles que são ambivalentes, isto é, que podem ser inseridos numa estrutura transitiva e intransitiva para expressar, respectivamente: mudança de locação/estado na qual um agente é envolvido (1); mudança de locação/estado sem participação de agente (2). Examinando-se as instanciações destes verbos em contexto adequado para 2, nota-se que V N é a ordem mais comumente encontrada, e é possível inferir uma certa resistência, da parte da criança, em colocar na posição de sujeito um item que não se refere a um agente. Exemplos disto são:

(referindo-se ao tecido, destinado a ser short, que tinha se desdobrado)

Cr. Ah...Desdobrou meu shortinho!

(3;1)

(brincando de escrever na lousa com sua mãe)

Cr. A/agora! Agora não posso dar out(r)o p(r)ô cê. (giz)

M. Por que ?

Cr. Queb(r)ou todo esse daqui.

(3;2.27)

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

18

Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

(A está guardando discos numa caixa)

Cr. Encheu a caixa.

(3;2.1)

(A conta à mãe como a cachorra da vizinha fora enterrada)

Cr. Ela foi em cima (= em baixo) do carro, morreu e tampou areia nela.

(3;10.11)

(A nota no carrinho da irmã uma fita adesiva no lugar onde há uma
saliência provocada pela junção de dois ferros)

Cr. Mãe, que que é isso daqui? Cortou isso daqui ?

M. Não, bem, isso é fita que a mamãe pôs prá não machucar a Ju .

(4;7.22)

Um outro conjunto de dados do 'corpus' de A pode ser considera-
do relacionado de alguma forma às ocorrências desviantes do tipo 2, Elas
são apresentadas abaixo.

(despertando de uma soneca, percebe que babou na almofada)

Cr. Babou . (= babai)

(4;7.22)

(depois de permanecer um bom tempo em sua cama, incapaz de adorme-
cer, apesar dos esforços, A vai à cama da mãe)

Cr. Num durmiu. (= não dormi)

(4;10.9)

(por telefone, A informa à mãe o que se passara durante a manhã)

Cr. Cheguei atrasada na piscina. (= cheguei/ chegamos atrasada/os na piscina)

(4;11.8)

(a cr. está fazendo xixi; a mãe está ao lado)

M. Nossa ! Que xixi comprido !



Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

Cr. (rindo). Sabe, mãe, a hora que eu levantei de noite e fui para sua cama, eu tava com vontade fazer xixi e não fiz.

M. Aí ficou tudo prá agora, né ?

Cr. E. Por isso que fez xixi comprido. (= por isso que fiz xixi comprido)
(4;11.28)

As ocorrências apresentadas acima não são instanciações de verbos causativos, mas daqueles verbos de ação classificados como "activities" (cf. Dowty 1972) ou "atelic" (cf. Kenny 1963), que pedem normalmente um sujeito animado. Elas foram trazidas para a discussão devido ao fato de que os processos ou atividades expressos são descritos pela criança com a flexão de terceira pessoa do singular. Ressalte-se que não se pode encontrar um antecedente no discurso anterior ou no contexto imediato para a forma verbal. Sua única referência possível, dado o conhecimento do contexto situacional, é a própria criança.

Como se explicaria o uso da terceira pessoa para a auto-referência, nestes casos ? A solução deste problema pode ser encontrada na oposição pessoa vs não-pessoa de Benveniste (1966)⁶.

Para Benveniste, a função dos signos eu / tu é marcar a presença do locutor naquilo que é dito e, conseqüentemente, transformar a língua em discurso, enquanto que a função do ele (ou flexão de terceira pessoa) é precisamente a de despojar o dito da subjetividade do falante. A terceira pessoa - ou não-pessoa, como prefere chamá-la Benveniste - é usada para expressar situações objetivas, que escapam ao envolvimento da "pessoa". Citamos o autor:

"...elle (la forme non-personnellè de la flexion verbale) sert toujours quand la personne n'est pas désignée et notamment dans l'expression dite impersonnelle. Nous retrouvons ici la question des impersonnels, vieux problème et débat stérile tant que l'on persiste à confondre "personne" et "sujet". Dans l'ei, tonat, it rains, c'est bien comme non-




Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

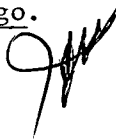
-personnelle qu'est relâte le procès, en tant que pur phénomène, dont la production n'est pas rapportée à un agent (...)"

(Benveniste 1966: 230)

No trecho acima, a última afirmação parece poder contribuir decisivamente para a explicação do que se passa nas ocorrências acima transcritas. Com efeito, parece-nos possível dizer, parafraseando Benveniste, que apesar do caráter "pessoal" do verbo (que pede um sujeito animado, na posição pré-verbal), é como não-pessoal que se relata o processo, como puro fenômeno, cuja produção não se reporta a um agente. De fato, a partir da descrição do contexto, pode-se compreender que a criança não se "sentia" como agente, isto é, como alguém que age intencionalmente para levar a cabo o processo de babar ou o estado de estar acordada. Aliás, um exame atento das ocorrências acima leva-nos a considerar cada uma delas como exibindo versões negativas dos traços implicados na noção de agente, a saber: intencionalidade, responsabilidade e controle.

Parece claro, assim que a não-agentividade representa o não-envolvimento do locutor nos processos ou eventos descritos pelas ocorrências. Neste caso, não-agentividade é igual a não-ego. E o recurso encontrado para sua expressão é morfossintático: a flexão de terceira pessoa.

É possível ver uma certa identidade entre estas ocorrências e as que estão caracterizadas como desvios do tipo 2. Quando a criança diz tirou o esmalte (= o esmalte saiu) ou matou o queimado (= o queimado (= taturana) morreu), ela deixa vazia a posição de sujeito e usa a terceira pessoa do singular do verbo para descrever uma mudança de estado que não é associável a um agente. Nestes casos, tanto o locutor (primeira pessoa), como o ouvinte (segunda pessoa), e como uma terceira pessoa ou entidade (Maria, o removedor) podem ser excluídos como candidatos a membros da categoria Agente. Consequentemente, pelo menos uma das interpretações possíveis para a não-causatividade ou espontaneidade do processo descrito nestas ocorrências é uma leitura não-ego.




Fls. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

Não havendo agente, o objeto pode ocupar a posição de sujeito, como acontece no português adulto. Entretanto, isto não é suficiente para expressar não-causatividade em português. Certos processos não-agentivos, tais como "passar a estar em X" (mudança de locação) e "passar a estar não-vivo" (mudança de estado) requerem a seleção de um outro item lexical: sair, em vez de tirar; morrer, em vez de matar. Ora, parece ser este procedimento formal que a criança negligencia em favor de processos sintáticos, tais como ordem e flexão verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da seção precedente, procurando dar conta dos desvios envolvendo verbos causativos no 'corpus' de A, formulamos a hipótese de que são derivados de uma estratégia sintática e não lexical. cremos ter fornecido um certo número de evidência empírica adicional para sustentar nossa hipótese.

Todavia, se nos colocamos como objetivo explicar como se dá o desenvolvimento da aquisição da expressão lexical de CAUSA, o exame das ocorrências desviantes não deve ser o único procedimento metodológico adotado. Torna-se necessário levar em conta também as ocorrências "corretas".

Como já foi mencionado, pode-se encontrar, durante o período coberto pela análise de dados, instanciações "corretas" de verbos causativos bem como de suas contrapartes não-causativas. Assim, para tomar apenas dois destes verbos como exemplos, tirar e matar não são desconhecidos na fase A, assim como também não são desconhecidos na fase B sair e morrer. O que queremos dizer é que ocorrências como eu saio o esmalte do dedo e eu tirei o esmalte do dedo coexistiram na fase A, da mesma maneira que tirou o bandaid e saiu o bandaid coexistiram na fase B. Este fato nos le-

va a fazer sobre a massa dos dados de A uma hipótese de concorrência de processos sintáticos e lexicais na expressão de causatividade.

Tal como acontece em relação ao inglês, estes dois processos são concorrentes e interagem na codificação de conteúdos causativos em português. E de se supor, portanto, que para a criança em fase de aquisição da língua não seja imediatamente evidente, isto é, num estágio inicial de aquisição, quais conteúdos são expressos por que procedimentos, e mesmo, quais são as formas que se prestam à expressão alternativa de conteúdos semelhantes ou idênticos. Sendo assim, compreende-se que haja uma "flutuação" na seleção dos mecanismos gramaticais, o que dá por resultado a ocorrência de eu saio você do berço ao lado de eu tiro você do berço, e de tirou o bandaid ao lado de o bandaid saiu.

É preciso lembrar que as línguas naturais fazem uso de outros processos além do lexical e sintático para codificar relações de causa e efeito. Um deles, por exemplo, é o uso de sufixos, como o turco e o servo-croata. Slobin (1978) comparou dados relativos à aquisição de expressões causativas por crianças aprendendo a falar inglês, italiano, servo-croata e turco. A partir desta comparação, ele chegou à conclusão de que as línguas que fazem uso de flexão - turco e servo-croata - são mais rapidamente aprendidas do que as línguas não-flexionais - italiano e inglês.

Assim, o autor pode, neste tipo de estudo comparativo, relacionar velocidade de aquisição com o meio de codificação, confirmando a hipótese de que a maneira pela qual se organiza a expressão de certas significações é mais acessível em algumas línguas do que em outras. Esta conclusão é, aliás, compatível com a proposta defendida pelo mesmo autor (1973) de uma hierarquia na emergência de mecanismos gramaticais em bases perceptuais gerais. Embora o presente trabalho esteja baseado em dados longitudinais de um sujeito em processo de aquisição de subsistema linguístico de uma língua, ele permite a identificação de um fenômeno de desenvolvimento semelhante: a seleção pela criança, num certo ponto de seu desenvolvimento, de um entre dois processos gramaticais concorrentes. Resta-nos agora levantar a

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Fle. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

pergunta: o que, no período em questão, determina esta seleção? A resposta - parece-nos - não precisaria invocar (como parece justo numa pesquisa que se defronta com dados interlinguísticos, como a de Slobin) - estratégias gerais de percepção; antes, poderia ser encontrada na noção de produtividade, apontada por Lemos (cf. 1981). Interpretando o fato aqui apontado dos desvios envolvendo causatividade, ao lado de outros como o das criações linguísticas e o do emprego de matrizes intonacionais como marcadores aspectuais, à luz de uma visão processual da linguagem, Lemos afirma que a escolha de um determinado processo relativamente a outro é determinada pelo maior rendimento que o processo pode oferecer na fase de aquisição em que a criança se encontra. Tal interpretação parece-nos correta para nossos dados. Em primeiro lugar, em virtude de certas particularidades que lhes são intrínsecas: trata-se de dados intralinguísticos que dizem respeito a um período específico do desenvolvimento em que mais de um processo está dominado (ou em vias de ser dominado) e em que se aplica a noção de concorrência. Em segundo lugar, porque a noção de rendimento, respondendo apenas pela seleção de um processo entre dois mecanismos concorrentes, deixa intocada a possibilidade de se invocar como explicação plausível desta escolha, uma estratégia individual. De fato, parece razoável supor que para algumas crianças o procedimento sintático seja mais transparente ou discernível do que oposições lexicais. Parece ser este o caso de A, cujas ocorrências desviantes mostram o processo sintático predominando sobre o lexical.

Colocada desta maneira, nossa hipótese pode ser considerada como contrária a uma idéia mais ou menos difundida de que o léxico é mais facilmente adquirido do que outros procedimentos gramaticais. O fato de ocorrências de uma palavra precederem ocorrências de dois vocábulos seria uma espécie de evidência empírica para esta visão.

Esta visão fica, porém, questionada quando se trata - como é o caso deste nosso trabalho - de dados envolvendo verbos. Estes itens não po-



Fla. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

dem ser considerados fora da S que os contêm. A sua semântica requer um tratamento simultâneo de sua sintaxe, porque são interligados. Os dois componentes não podem ser isolados, e, provavelmente não estão também isolados quando da formulação pela criança de hipóteses sobre o funcionamento de sua língua materna. É isto pelo menos aquilo em que acreditamos ao afirmarmos que a nossa hipótese para os dados desviantes de A pode ser caracterizada como sendo uma hipótese sintática, semanticamente motivada. Em outras palavras : a ordem escolhida - N V N ou V N - é usada para exprimir, respectivamente, Agente -Ação-Objeto e Ação-Objeto.



QUADRO 1 : Não - causativo por causativo *

Não-causativo	Causativo	Nº de ocorrências
1. <u>acabar</u> **	<u>fazer acabar</u> , <u>consumir</u>	8
2. <u>aceitar</u>	<u>oferecer</u>	5
3. <u>achar</u> ***	<u>procurar</u>	7
4. <u>alcançar</u>	<u>fazer alcançar</u>	1
5. <u>apanhar</u>	<u>bater</u>	8
6. <u>aprender</u>	<u>ensinar</u>	8
7. <u>cair</u>	<u>derrubar</u>	10
8. <u>conhecer</u>	<u>apresentar</u> , <u>fazer conhecer</u>	1
9. <u>dormir</u>	<u>fazer dormir</u>	1
10. <u>entrar</u>	<u>fazer entrar</u> , <u>enfiar</u>	1
11. <u>errar</u>	<u>fazer errar</u>	2
12. <u>estar dō</u> (= coitado)	<u>estar provocando dō</u>	1
13. <u>escorregar</u>	<u>fazer escorregar</u>	1
14. <u>ficar em X</u>	<u>fazer/deixar ficar em X</u>	2
15. <u>ficar</u> + Adj.	<u>fazer ficar</u> + Adj.	2
16. <u>jantar</u>	<u>fazer jantar</u>	1
17. <u>morrer</u>	<u>matar</u>	3
18. <u>nascer</u>	<u>dar à luz</u> (= fazer nascer)	8
19. <u>olhar</u>	<u>fazer ver</u> , <u>mostrar</u>	3
20. <u>passear</u>	<u>fazer/levar passear</u>	1
21. <u>perder</u>	<u>esconder</u>	2
22. <u>pular</u>	<u>fazer pular</u>	1
23. <u>sair</u>	<u>tirar</u>	13
24. <u>sofrer</u>	<u>fazer sofrer</u>	1

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

25. <u>subir</u>	<u>levantar</u>	1
26. <u>sumir</u>	<u>fazer sumir, esconder</u>	6
27. <u>vir</u>	<u>trazer</u>	1
28. <u>tomar banho</u> / <u>injeção</u>	<u>dar banho</u> / <u>injeção</u>	6
29. <u>viajar</u>	<u>fazer viajar</u>	1

T O T A L 106

* Para cada item não-causativo empregado em contexto causativo, indicamos aquele que seria o causativo correspondente (expressão correta). Nesta operação tanto aparecem itens relacionados supletivamente no léxico (sair, tirar; aprender, ensinar), quanto expressões perifrásticas com fazer ou deixar (errar, fazer errar; ficar em X, deixar ficar em X).

** Alguns verbos, cujo emprego como causativos apontamos como desviante, não são, para alguns totalmente inaceitáveis. Por ex, acabar, com o sentido de consumir, e subir, com o sentido de elevantar acham-se inclusive dicionarizados (cf. Aurélio 1975). Optamos porém por mantê-los como formas desviantes, uma vez que as acreditamos raras no idioleto familiar.

***Procurar, bem como oferecer, podem ser vistos como causativos no sentido de que incluem um objetivo ou efeito de certas atividades. Contudo, eles diferem de outros verbos causativos, pois o cumprimento do objetivo ou o aparecimento do efeito resultante é lexicalizado por outros itens: achar e aceitar, respectivamente. Suas formas do pretérito perfeito mostram-no claramente: procurou significa a cessação de atividade em direção a um objetivo cujo completamento somente pode ser expresso por achou.

JK

R

Fls. N.º _____

Proc. N.º _____

Rub. _____

QUADRO 2 : Causativo por não - causativo

Causativo	Não-causativo	Nº de ocorrências
1 . <u>ensinar</u>	<u>aprender</u>	3
2 . <u>matar</u>	<u>morrer</u>	3
3 . <u>procurar</u>	<u>achar</u>	1
4 . <u>tirar</u>	<u>sair</u>	83
T O T A L		90

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

Fl. N.º	_____
Proc. N.º	_____
Rub.	_____

NOTAS

1. Uma versão em inglês deste artigo - "On the development of causativity's expression: a syntactic hypothesis" - encontra-se em vias de publicação no Journal of Child Language.

2. A discussão será baseada neste par (sair-tirar), pois é o mais freqüente.

3. É interessante notar que Bowerman considerou, em seu artigo, a possibilidade de formular tal hipótese. Veja-se:

"A child might become aware of syntactically and semantically consistent variations in the use of verbs and adjectives like "open" and "break", and, assuming that many or all verbs and adjectives have the same flexibility, produce sentences like those in table 1".

(Bowerman 1974: 148)

A razão pela qual a autora rejeita esta hipótese está, porém, no fato de que ela não dá conta dos dados de Christy, os quais, diferentemente dos dados de A, são, na sua maior parte, do tipo "não-causativo por causativo". De fato, erros do tipo de "the fly killed"(died), "the key lost" (become lost), foram, segundo Bowerman, extremamente raros na fala de Christy, se comparados ao erro inverso.

4. As construções causativas com "fazer" e "deixar" registradas no 'corpus' de A não serão trazidas para a discussão neste artigo. Elas são parte dos dados que deverão ser analisados num futuro trabalho, onde serão examinadas à luz da classificação proposta por Shibatani (1975).

5. É possível objetivar o que dissemos dando um tratamento quantitativo às ocorrências de tirar por sair. Das 83 ocorrências de tirar por sair, 39 são do tipo V , com um objeto elíptico (implicado pelo contexto linguístico ou extra-linguístico). As ocorrências de V seguido de um objeto N são 44, e dentre estas, 28 são do tipo V N .

6. Esta oposição está na base da proposta de Benveniste de dois níveis de atividade linguística: o nível do discurso e o nível da história. Esta visão, que adotamos para a explicação das ocorrências "impersonalizadas" de A, será mais amplamente apresentada no artigo "Aprendendo a estrutura...", publicado neste mesmo volume.



SOBRE A EMERGÊNCIA DA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES INCOATIVAS :
UMA HIPÓTESE ENVOLVENDO A CATEGORIA DE "PESSOA" *

1. INTRODUÇÃO

2. PROCEDIMENTOS

3. CARACTERIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS EM ESTUDO

4. DISCUSSÃO

4.1. A FLEXÃO VERBAL DE PESSOA

4.2. A ORDEM SINTÁTICA

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

ROSA ATTÍE FIGUEIRA
UNICAMP


PROF. DR. JESUS ANTONIO DURIGAN
DIRETOR

*Artigo integrante do livro organizado por Cláudia T. G. de Lemos:

Aquisição do Português: uma Perspectiva Interacionista .

R

24

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é chegar a compreender a estratégia usada por uma criança em fase de aquisição do português como língua materna para a expressão linguística de situações em que se observa mudança de estado/locação de um ser ou objeto, sem contudo, se observar o autor dessa mudança. Assumindo com Benveniste (cf.1966) a existência de dois níveis distintos na linguagem: o nível do discurso e o nível da história, procuraremos mostrar que tal problema pode ser interpretado como relevante do segundo tipo de enunciação, onde tem papel saliente a flexão de não-pessoa (ou de "3ª pessoa").

Este assunto está, por outro lado, relacionado com o estudo da emergência na fala da criança da expressão de causatividade. É assim, pelo menos, que o con-

cebemos num trabalho anterior (cf.Figueira, 1979) onde um conjunto maior de dados é analisado . É fácil ver que o que nos propomos a examinar aqui, nada mais é do que a contrapartida da expressão de causatividade, manifestada em sentenças simples.

Apresentaremos a seguir uma análise deste trabalho mais amplo, com a finalidade de inserir o leitor no quadro geral da pesquisa, isolando a seguir o assunto específico deste artigo.

Estudando a emergência dos verbos causativos na fala de 1 (um) sujeito (Anamaria, = A), em processo de aquisição do português como língua materna, constatamos a existência de dois tipos básicos de desvios¹:

1º uso de um item não causativo (expressando atividade, estado, mudança de estado/locação) por um causativo, predominantemente de 3;1 a 4;2. Quadro 1.

2º uso de um item causativo por um não-causativo, predominantemente de 4;2 a 5. Quadro 2.

QUADRO 1 : Não-causativo por causativo *

Não-causativo	Causativo	Nº de ocorrências
1. <u>acabar</u> **	<u>fazer acabar, consumir</u>	8
2. <u>aceitar</u>	<u>oferecer</u>	5
3. <u>achar</u> ***	<u>procurar</u>	7
4. <u>alcançar</u>	<u>fazer alcançar</u>	1
5. <u>apanhar</u>	<u>bater</u>	8

6. <u>aprender</u>	<u>ensinar</u>	8
7. <u>cair</u>	<u>derrubar</u>	10
8. <u>conhecer</u>	<u>apresentar, fazer conhecer</u>	1
9. <u>dormir</u>	<u>fazer dormir</u>	1
10. <u>entrar</u>	<u>fazer entrar, enfiar</u>	1
11. <u>errar</u>	<u>fazer errar</u>	2
12. <u>estar dō</u>	<u>estar coitado, digno de dō</u>	1
13. <u>escorregar</u>	<u>fazer escorregar</u>	1
14. <u>ficar em X</u>	<u>fazer/deixar ficar em X</u>	2
15. <u>ficar + Adj.</u>	<u>fazer ficar + Adj.</u>	2
16. <u>jantar</u>	<u>fazer jantar</u>	1
17. <u>morrer</u>	<u>matar</u>	3
18. <u>nascer</u>	<u>dar à luz, parir</u>	8
19. <u>olhar</u>	<u>fazer ver, mostrar</u>	3
20. <u>passear</u>	<u>fazer/levar passear</u>	1
21. <u>perder</u>	<u>esconder</u>	2
22. <u>pular</u>	<u>fazer pular</u>	1
23. <u>sair</u>	<u>tirar</u>	13
24. <u>sofrer</u>	<u>fazer sofrer</u>	1
25. <u>subir</u>	<u>levantar, fazer subir</u>	1
26. <u>sumir</u>	<u>fazer sumir, esconder</u>	6
27. <u>vir</u>	<u>trazer</u>	1
28. <u>tomar banho/injeção</u>	<u>dar banho/injeção</u>	6
29. <u>viajar</u>	<u>fazer viajar</u>	1

T O T A L 106

* Como item lexical "correto", indicamos aqueles relacionados supletivamente no léxico, quando eles existem e/ou são comuns na linguagem coloquial. Quando não, indi

camos a expressão perifrástica correspondente.

****Alguns verbos, cujo emprego como causativos apontamos como desviantes, não são, para alguns, totalmente inaceitáveis. Acabar, com o sentido de consumir e subir, com o sentido de elevar, suspender acham-se inclusive dicionarizados (cf. Aurélio 1975). Optamos porém por mantê-los como formas desviantes, uma vez que as acreditamos raras no idioleto familiar.**

*****Procurar, bem como oferecer, podem ser vistos como causativos uma vez que eles incluem um objetivo ou efeito de certas atividades. Contudo, diferem de outros verbos causativos, pois o cumprimento do objetivo ou o aparecimento do efeito são lexicalizados por outros itens: achar e aceitar, respectivamente.**

QUADRO 2 : Causativo por não-causativo		
Causativo	Não-causativo	Nº de ocorrências
1. <u>ensinar</u>	<u>aprender</u>	3
2. <u>matar</u>	<u>morrer</u>	3
3. <u>procurar</u>	<u>achar</u>	1
4. <u>tirar</u>	<u>sair</u>	83
T O T A L		90

Descrevemos rapidamente os fatos envolvidos em 1 e 2.

O primeiro quadro contém verbos impropriamente usados como causativos. Uns são intransitivos, como cair, dormir, morrer, nascer, etc, outros são transitivos como aceitar, aprender, achar, conhecer, etc; ou na terminologia de Lyons, monovalentes os primeiros e bivalentes os segundos (para o conceito de valência, ver Lyons 1966

e 1977). O que nos levou a dar-lhes um só tratamento é o fato de que tanto num caso como no outro, o item ausente (o "correto") é um item de valência uma (1^a) vez superior ao item que efetivamente ocorre e este aumento de valência corresponde à presença de um lugar adicional ("additional place") para a expressão do agente iniciador da mudança de estado/locação expressa pelo verbo. Assim, o monovalente morrer está pelo bivalente matar e o bivalente aprender está pelo trivalente ensinar. Em ambos os casos, a diferença, que é de uma valência, serve à expressão do mesmo conteúdo semântico: causatividade.

O segundo quadro contém verbos impropriamente usados como incoativos². Uns são trivalentes como ensinar e procurar, outros são bivalentes como matar e tirar. O que nos levou a tratá-los numa única classe é o fato de que num e noutro caso, o item ausente (o "correto") é um item de valência uma vez inferior ao item que efetivamente ocorre e este decréscimo de valência corresponde à ausência sistemática do mesmo conteúdo semântico: agentividade.

Em resumo, estes quadros mostram a existência, no 'corpus' de A, de duas tendências contrárias: promoção do verbo a uma valência superior e rebaixamento do verbo a uma valência inferior. Estes fenômenos, que tiveram seu pico de frequência em períodos não-coincidentes (ver gráfico anexo), procuramos explicá-los como resultado de uma hipótese da criança sobre a estrutura sintática de uma S, em que as noções de agente, ação, obje

to estão envolvidas. Assim, em relação a ocorrências do tipo de:

(1) Eu saio o esmalte do dedo (= Eu tiro o esmalte do dedo)

(2) Tirou o esmalte (= O esmalte saiu)

a existência de agente (= 1) e a inexistência de agente (= 2) na expressão de mudança de locação, seria, a nosso ver, marcada pelo nosso sujeito via sintaxe, da seguinte maneira: no primeiro caso, um verbo, não-agentivo, é promovido a agentivo (vale dizer, causativo), pela estrutura sintática que passa a integrar (estrutura transitiva, isto é: N V N); no segundo caso, um verbo agentivo é destituído da marca de agente pela flexão de 3ª pessoa, mantendo-se a ordem V N. Nossa hipótese é de que a criança, usando de seus recursos expressivos, em certa época (de 3;1 a 4;2, predominantemente) agentiviza expressões não-agentivas; em outra época (de 4;2 a 5, predominantemente) impessoaliza expressões agentivas. Para nós, ela o faz pelo recurso à sintaxe, indiferente às marcas dos itens verbais no léxico.

Hipótese diferente foi defendida por Bowerman (cf. 1974), que observou em sua filha Christy, durante certo período de aquisição do inglês como língua materna, erros análogos aos do primeiro tipo por nós registrados na fala de A. Para Bowerman, Christy, na época de ocorrências desviantes tais como: I'm singing him (por I'm making him sing), teria abstraído e generaliza-

do uma regra sobre itens lexicais possíveis. Exposta à ocorrência de open e break como causativos e não-causativos, teria tomado esta classe de causativo em que o mesmo item pode integrar uma e outra estrutura, como modelo de funcionamento de outros verbos. Assim, o fenômeno dos desvios envolvendo causativos é visto por esta autora como sendo derivado de uma estratégia morfológica ou lexical, enquanto nós pretendemos mostrá-lo como sendo derivado de uma estratégia sintática, semanticamente motivada. Dispensamo-nos aqui de apresentar os argumentos que favorecem a nossa hipótese³, salientando apenas que a hipótese concorrente (a de Bowerman) foi construída para dar conta apenas de fatos do tipo de (1), já que frases como (2) foram - segundo Bowerman - raras no 'corpus' de Christy⁴. Já no 'corpus' de A, tiveram uma frequência e consistência comparável às frases do tipo 1. Justifica-se assim o interesse em explicá-las e integrá-las numa explicação geral sobre a aquisição da expressão de causalidade e não-causalidade. X

2. PROCEDIMENTOS

Na coleta do material lingüístico utilizam-se duas fontes: a) o diário, isto é, o registro informal de ocorrências feito pela mãe (a própria pesquisadora); b) as gravações em fita magnética de segmentos de interação informal da criança com um interlocutor adulto (na maioria das vezes, a mãe)⁵.

Para o presente trabalho, esgotamos a primeira fonte de dados, porém não a segunda. Assim, os dados provenientes das sessões de 'audio-tape' são parciais: 2;8 a 3;4, enquanto que os do diário são completos: 2;8 a 5. Este conjunto revelou-se suficientemente consistente para permitir uma primeira análise dos enunciados que expressam mudança de estado/locação sem participação de agente, na fala de A.

3. CARACTERIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS EM ESTUDO

Conforme demonstra o gráfico, a partir de 4;2, tornou-se consistente na fala de nosso sujeito, o emprego de um verbo causativo em lugar de um não-causativo, que expressasse meramente a entrada de um objeto ou ser em novo estado ou locação, sem envolvimento de agente. Eis alguns exemplos:

- (a mãe ouve A. cantar uma cantiga infantil, nova em seu repertório)

M. Quem te ensinou?

A. Ninguém. Eu que ensinei sozinha. (= eu que aprendi sozinha)

(Di - 4;0.12)

- (A. pega um papel na grama do jardim e o solta imediatamente)

A. Queimado, ai, queimado... (queimado = queimador, bicho que queima)

M. É mesmo, uma taturana debaixo do papel.

A. Já matou o queimado ? (= o queimado já morreu ?)

(Di - 4;8.4)

- (A. procura seus objetos)

A. Cadê a sacola? Será que a vovô deixou ou levou ela?

Cadê sua bolsa? Mas eu não estou procurando ela! (= mas eu não estou achando ela)

(Di - 3;6.4)

- (A. coloca o lápis no apontador de mesa para fazer a ponta; quando retira, o mesmo está sem ponta)

A. Tirou a ponta! (= a ponta saiu)

(Di - 4;2.7)

- (a mãe tinha feito um rabinho no cabelo de A, prendendo-o com elástico; este se solta)

A. (com o elástico na mão). Tirou. (= saiu) Põe prá mim. Tirou do lugar. (= saiu do lugar) Põe de novo prá mim.

(Di - 4;5.1)

- (mostrando uma das unhas sem esmalte)

A. Olha! Tirou o meu imalte. (= saiu o meu esmalte)

(Di - 4;5.27)

- (A, com o botão do blusão de uniforme na mão que acabara de se soltar)

A. Mãe, tirou botão do casaco.

M. Hein?

A. Tirou o botão do casaco. (= o botão do casaco saiu)

(Di - 4;6.19)

Nesta discussão tomaremos por base a ocorrência de tirar (por sair), que é a mais frequente.

Afastemos inicialmente uma descrição que poderia parecer possível a quem examinasse os enunciados acima grifados, isolados de seu contexto: a de que matou o queimado ou tirou o botão do casaco têm um sujeito oculto (invariavelmente um ele/ela), mencionado anteriormente ou subentendido pelo contexto (e portanto, recuperável através deste). Notemos que nesta interpretação os enunciados não seriam desviantes.

É fácil ver que esta descrição não corresponde ao que se quis expressar nas situações em questão. Basta observar a descrição do contexto em que estas falas estão inseridas. O enunciado Tirou o botão do casaco, por exemplo, é usado quando não existe participação de agente na mudança indicada pelo verbo. De tal forma que a construção esperada, de acordo com o sistema lingüístico adulto, seria NP + sair (ou sair + NP). Em vez disto tem-se tirar + NP, o que é estranho porque o item tirar exige uma construção com agente na posição do sujeito; construção que, de resto, está presente em outros enunciados do 'corpus' de A, quando no evento a ser expresso existe um agente envolvido.

Exemplos:

- (indicando o tornozelo)

A. Mãe, este sapato me machuca aqui no joelho. Eu vou tirar.

(Di - 3;5.28)

- (mostrando para a mãe o dedo machucado)

A. A Pita tirou a casquinha aqui do meu dedo.

(Di - 4;5.29)

Conclui-se assim que nas frases de A, no período estudado, o verbo tirar é usado corretamente, como item causativo, e incorretamente, como equivalente do não-causativo sair; e, neste último caso, com tal regularidade e consistência, que faz suspeitar de uma regra de produção subjacente. É este, então, o problema que temos que explicar: como um item com marca de agente passa a ser sistematicamente utilizado em lugar de um item não-agentivo.

Até o momento vimos chamando os verbos do tipo de tirar e de sair, de causativo e não-causativo, respectivamente. Explicitemos melhor a sua natureza, situando-os no interior de uma classificação geral dos verbos. Citaremos Dowty, que, retomando classificação de Vendler, coloca os causativos entre os "accomplishment verbs":

"The class (of accomplishment) includes verbs such as kill, build, draw (a circle), deliver (a lecture), etc. Although accomplishments can be distinguished from other classes by several syntactic/semantic tests, I will here simply characterize them intuitively: a sentence contains an accomplishment verb if it involves both (1) the notion of an act or event that the subject is involved in and (2) a specific change of state which is understood to come about as a result of that act or event. Thus (1)

(1) John killed Harry.

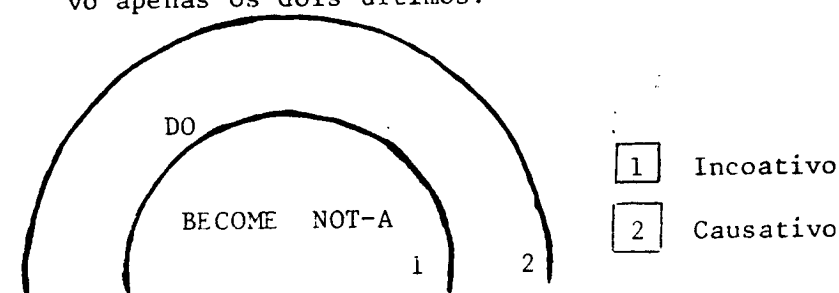
is understood to entail that John did something, and that Harry came to be dead as a result of that action. Accomplishments are therefore to be distinguished on the one hand from activities (look, laugh, run, etc) which lack the entailment that a particular change of state took place, and are to be distinguished from pure achievements on the other hand: achievements (notice, lose, die, etc) do involve a change of state; but do not imply that some act or event involving the subject produced that change."

(cf. Dowty 1972:62)

Os verbos ensinar, matar, tirar dos nossos enunciados estariam entre os chamados "accomplishment verbs". A classe dos "accomplishment" é, porém, mais ampla, incluindo (como se pode ver pela exemplificação acima), verbos como desenhar (+ NP) ou construir (+ NP), que não seriam tradicionalmente incluídos entre os causativos (Lyons (cf. 1968:384) os chama de verbos basicamente transitivos). Por causativos designa-se aquela classe de verbos que admitem a decomposição numa expressão perifrástica constituída por fazer + um item verbal que expressa independentemente a noção de mudança de estado/locação⁶.

Na classe dos "achievements" estariam os verbos aprender, morrer, sair, ou seja, as contrapartes não-causativas, cuja emergência e estabilização se analisa na fala de A. Estes expressariam apenas a mudança de estado/locação vista como evento isolado, sem participação de agente. Estamos chamando-os de incoativos, porque esta designação faz lembrar a relação de inclusão em que

se acham em face de seus pares causativos. Explico. Se nos situarmos no sistema de representação da semântica gerativa e assumirmos que para a representação semântica do verbo causativo são necessários os predicados: DO, BECOME e NOT-A⁷, o verbo causativo contém os três e o incoativo apenas os dois últimos:



Ou, representando de outra maneira:

V. causativo = DO + BECOME (NOT-A) (2)

V. incoativo = BECOME (NOT-A) (1)

Sabendo-se que a diferença entre um verbo do tipo que é representado em (2) e um verbo do tipo que é representado em (1) acima é a existência de um predicado DO, o problema que temos a explicar, isto é, o uso ambivalente de tirar no 'corpus' de A, poderá ser avançado nos seguintes termos: a ambivalência se dá como resultado da destituição do predicado DO do conteúdo semântico verbo causativo. Isto pode ser assim esquematizado:

V. causativo - DO = BECOME (NOT-A)

ou:

V. causativo - DO = v. incoativo

Resta-nos agora fazer a seguinte pergunta: à custa do que se faz esta subtração? Para nós, um dos fatores determinantes da obliteração da marca de agente é a flexão de pessoa com a qual o verbo vem marcado. Discutiremos pormenorizadamente esta hipótese na seção seguinte.

4. DISCUSSÃO

4.1. A FLEXÃO VERBAL DE PESSOA

O problema de explicar os desvios do tipo 2 integram-se, na verdade, num contexto mais amplo que é o de explicar quando e como a criança chega a narrar eventos dos quais não se pode ou não se quer apontar um agente, uma pessoa ou ser como responsável. Em outras palavras, trata-se de mostrar quando e como a criança chega aos enunciados puramente narrativos em que há um distanciamento do sujeito da enunciação relativamente ao fato narrado.

A ordem de emergência dos desvios envolvendo causatividade: primeiro, promoção de um verbo a agentivo, depois rebaixamento de um verbo a não-agentivo (ver gráfico anexo), evidenciaria o "quando". A criança utilizaria primeiro estruturas linguísticas nas quais ela se representa a si ou a outro ser como implicado na ação⁸, depois estruturas linguísticas que representam estados de coisas, situações concebidas sem menção a agente.

Em relação ao "como", gostaríamos de mostrar que, pelo menos para a expressão de mudança de locação/estado de um objeto, o processo de aquisição envolve a flexão de 3ª pessoa, ou melhor, a flexão de não-pessoa. Nossa hipótese para os enunciados do tipo de "tirou a ponta" (por "a ponta saiu"), é a de que o ele ou sua marca no verbo (desinência flexional) despoja o verbo de seu traço [+ agente], tornando-o um verbo impessoal (ou não-pessoal).

Importa aqui lembrar as idéias de Benveniste a respeito da categoria de pessoa, a que se submete, nas línguas conhecidas, o verbo e o pronome.

Benveniste, em seus Éléments de Linguistique Générale I, rompe com a visão tradicional de que eu, tu e ele ou suas respectivas marcas no verbo são uma classificação unitária e homogênea. Para o autor as duas primeiras pessoas não estão no mesmo plano que a terceira. Esta última é uma forma não-pessoal da flexão verbal, enquanto eu e tu são verdadeiras pessoas do discurso. Eu/tu, de um lado, e ele, de outro, constituem "espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são signos"⁹. Ele pertence à sintaxe da língua, enquanto eu e tu ao nível pragmático, isto é, ao nível das instâncias de discurso, "os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor" (op. cit: 277). A diferença proposta por Benveniste cabe assim na oposição enunciado - enunciação.

Fixemos melhor esta separação: eu/tu-pragmática; ele - sintaxe. Quanto ao caráter pragmático de eu/tu, Benveniste demonstra-o exaustivamente em "A natureza dos Pronomes" e em outro capítulo de "O Homem na Língua", que é complementar a este para a apreensão total da concepção do autor sobre a dêixis a e anáfora: "Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo". Citaremos passagens de um e outro capítulo, que são relevantes para a nossa discussão.

"Eu significa 'a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu. (...) Introduzindo-se a situação de 'alocução' obtém-se definição simétrica para tu, como o 'indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística tu.'"

(op. cit: 278-279)

Eu e tu são, ao contrário dos outros nomes referentes a uma noção lexical, signos "vazios", sem pre disponíveis, "e que se tornam plenos assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso" (op. cit: 280). A diferença está assim colocada:

"Não há um conceito de "eu" englobando todos os eu que se enunciam a todo instante na boca de todos os locutores, no sentido de que há um conceito "árvore" ao qual se reduzem todos os empregos individuais de árvore. O "eu" não denomina (...) nenhuma entidade lexical."

(op. cit: 288)

Mais do que a diferença entre eu (e tu) e um signo lexical, interessa-nos a especificidade de eu (e tu) em relação a ele. Benveniste afirma que ele é diferente de eu e tu "pela sua função e pela sua natureza". (op. cit: 282).

Examinemos inicialmente a questão da função distinta desempenhada pela "3ª pessoa".

Para Benveniste, enquanto os signos eu/tu têm por função marcar a presença do locutor naquilo que é dito, convertendo a língua em discurso, a função do ele é justamente a de despojar o dito da subjetividade do falante. A "3ª pessoa" presta-se a exprimir aqueles conteúdos que não remetem a si mesmos, mas a situações "objetivas"; situações que escapam à condição de "pessoa". Citamos o autor:

"(a forma não pessoal da flexão verbal) serve sempre quando a pessoa não é designada e principalmente na expressão dita impessoal. Reencontramos aqui a questão dos impessoais, velho problema e debate estéril enquanto se persiste em confundir "pessoa" e "sujeito". Em Vél, tonat, it rains (= "chove, troveja, chove"), é exatamente como não pessoal que se relata o processo, enquanto puro fenômeno, cuja produção não se reporta a um agente(...)". (op. cit.: 252)

No trecho acima a última afirmação parece poder contribuir decisivamente para a explicação do que se passa nos enunciados que estamos analisando. Com efeito, parece-nos possível dizer - parafraseando Benve

niste - que no enunciado "Tirou o esmalte", apesar do caráter "pessoal" do verbo (trata-se de um item agentivo, isto é, que exige um agente na posição de sujeito), é como não pessoal que se relata o processo, como puro fenômeno, cuja produção não se reporta a um agente.

Vejamos agora a questão da natureza distinta desempenhada pela "3ª pessoa". Como já foi dito, ele é, para Benveniste, um signo sintático (e não pragmático, como eu e tu). Ao firmar esta diferença em "A natureza dos Pronomes", Benveniste ilustra a natureza sintática do ele, dando um exemplo em que este substitui um elemento de uma S anterior.

"As formas como ele, o, isso, etc, só servem na qualidade de substitutos abreviados: "Pierre est malade; il a la fièvre (= Pedro está doente; ele está com febre)", substituem um ou outro dos elementos materiais do enunciado ou revezam com eles." (op. cit.: 282)

Chamemos a isto de relação anafórica inter-sentencial. Não é este emprego anafórico do ele que nos interessa para explicar os enunciados de A. É o de um ele (ou melhor, de sua correspondente marca no verbo), que substitui ou marca a ausência de uma pessoa no processo que é relatado. Chamemos a isto de relação anafórica intra-sentencial. Esta relação, parece-nos, está também referida em Benveniste, só que em outra passagem, no capítulo "Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo".

"Não se deve(...) representar a "terceira pessoa" como uma pessoa apta a despersonalizar-se.

12

Não há aférese de pessoa, mas exatamente a não-pessoa, que possui como marca a ausência do que qualifica especificamente o eu e o tu. Pelo fato de não implicar nenhuma pessoa, pode tomar qualquer sujeito ou não comportar nenhum, e esse sujeito, expresso ou não, nunca é proposto como "pessoa". Esse sujeito só faz acrescentar em aposição uma precisão julgada necessária para a inteligência do conteúdo, não para a determinação da forma. Assim volat avis não significa "o pássaro voa" mas "ele voa (scilicet) o pássaro". A forma volat se basta a si mesma e, embora não pessoal, inclui a noção gramatical de sujeito". (op. cit.: 253)

O traço intrínseco ao ele é, pois, de ordem sintática: trata-se de um elemento substitutivo, tanto no nível mais amplo das relações inter-sentenciais, como no nível mais estrito das relações intra-sentenciais. É no seu segundo emprego e não no primeiro, que o ele (ou não-pessoa) contribui para elucidar o fenômeno subjacente aos desvios do tipo 2, na aquisição do português pelo nosso sujeito. Podemos dizer agora, que o que afastamos no início da seção 3 como descrição possível dos enunciados era uma descrição que tinha o ele na conta de um anafórico inter-sentencial.

Na discussão precedente, discorrendo sobre "pessoa" e "não-pessoa", introduziram-se paralelamente as ocorrências desviantes com verbos causativos e pretendeu-se lançar uma linha de argumentação: a de que em determinado momento da aquisição do português por A,

tornou-se produtivo um procedimento de transformar, pela flexão não-pessoal, um verbo que traz na sua estrutura semântica interna a noção de agente, em seu correspondente não-agentivo, impessoal.

Esta hipótese é também motivada por fatos independentes, isto é, fora do âmbito dos verbos causativos.

Dentro do período das ocorrências do tipo de "Tirou o botão do casaco", registramos também as ocorrências abaixo:

- (A está no sofá vendo televisão; cochila e, na posição em que está, baba na almofada; quando desperta e percebe que babou, diz)

A. Babou. (Di - 4; 7.22)

- (A demora para dormir porque está sem sono; muito tempo depois de ter ido para a cama, não tendo - apesar dos esforços - conseguido dormir, vai para a cama da mãe e diz)

A. Num durmiu. (Di - 4; 10.9)

- (da casa de uma amiga, a mãe telefona para ter notícias: deixara A acordada e o pai dormindo; este deveria levar a cr. à piscina; a cr. informa)

A. Chegou atrasada na piscina.

OBS: A pontualidade não dependera de A, e sim do pai. (Di - 4; 11.8)

- (A acorda e vai ao banheiro; a mãe está ao lado)

M. Nossa! Que xixi comprido!

A (rindo). Sabe, mãe, a hora que eu levantei de noite e fui prá prá sua cama, eu tava com vontade fazer xixi e não fiz.

M. Aí juntou tudo prá agora, né?

A. É, por isso que fez xixi comprido.

(Di - 4; 11.28)

- (mesmo contexto anterior: a mãe pede a A que conte o ocorrido ao pai)

A. Quando eu dormi eu tava com vontade fazer xixi e não fiz, daí quando eu acordei fez xixi comprido.

(Di - 4; 11.28)

Concentremos nossa atenção na primeira delas. A babou; no entanto, para descrever o processo não diz: "babei" (como seria esperado), mas "babou". Procedamos ingenuamente na análise. Diante do "babou" dito pela criança, procura-se o antecedente de que -ou seria a marca: uma pessoa anteriormente mencionada no discurso. Não há. Logo, o caminho é crer que este -ou se refere legitimamente à pessoa do falante (eu, = A) e não a outra pessoa (ele). Como se explicaria que para se referir a si mesma a criança usasse a "3ª pessoa", signo de descrição objetiva? Temos aqui um paradoxo, cuja solução se encontra na concepção de pessoa vs não-pessoa de Benveniste. Assumindo que um enunciado que contém eu marca o en-

volvimento do locutor no processo relatado, o fato de não se ter "babei" seria explicado em razão do falante querer se subtrair, escapar ao envolvimento da 1ª pessoa. A "3ª pessoa", sendo uma não-pessoa, consegue traduzir o não-envolvimento do falante no processo relatado. De fato, a partir da descrição do contexto, deduz-se que a criança não se "sentia" como agente porque não tivera participação intencional no ato de babar. Antes, ela se vê como um outro no qual o processo se passou. Ela é o paciente: "babou" está próximo de "fui babada", forma que traduziria de maneira mais radical o procedimento de despojamento accional. A criança recusaria a representação de si como ator, o papel de "persona" - a 1ª do discurso - pois isto implicaria em assumir a responsabilidade da noção expressa pelo verbo. (Para conhecimento das relações entre linguagem e representação, ver VOGT, C. Linguagem, pragmática e ideologia. S.P., Hucitec, 1980.)

Registremos que o mesmo se passa em relação às demais ocorrências. Com o enunciado "num durmiu" (em lugar de "não dormi"), a criança parece evitar a flexão pessoal, já que não tivera participação intencional no "estar acordada". Quanto a "chegou atrasada na piscina" e "fez xixi comprido", o que falta para configurar a situação agentiva, que levaria ao uso pessoal, são os traços responsabilidade e controle, respectivamente. Vê-se assim que as ocorrências das páginas 61-62 são, cada qual, um registro negativo dos traços implica-

dos na noção de agente. Intencionalidade, responsabilidade e controle parecem ser, de fato, traços relevantes para a caracterização da noção de agentividade.

O deslocamento da flexão de 1ª para "3ª" pessoa nos enunciados de A é notável para mostrar, por contraste, a manipulação na fala da criança da intersubjetividade da linguagem, no nível morfossintático. Explicaremos melhor o que queremos dizer com isto, destacando dois pontos: 1º) a natureza da categoria verbo; 2º) a classe a que pertencem os verbos que ocorrem nos enunciados de A.

Inicialmente, é preciso reconhecer, com Benveniste, o caráter misto do verbo.

"Devemos insistir sobre este ponto: a "forma verbal" é solidária da instância individual de discurso quanto ao fato de que é sempre necessariamente atualizada pelo ato de discurso e em dependência desse ato. (...) Todas as variações do paradigma verbal, aspecto, tempo, gênero, pessoa, etc. resultam dessa atualização e dessa dependência em face da instância de discurso, principalmente o "tempo" do verbo, que é sempre relativo à instância na qual figura a forma verbal. Um enunciado pessoal finito se constitui, pois, sobre um duplo plano: emprega a função denominativa da linguagem para as referências de objeto que esta estabelece como signos lexicais distintivos, e organiza essas referências de objeto com a ajuda de indicadores auto-referências correspondentes a cada uma das classes formais que o idioma reconhece."

(op. cit: 281-282; o grifo é nosso)

Como conclusão, retiremos a afirmação de que, se a pes-

soa é um dos atualizadores dêiticos do verbo, por outro lado, a não-pessoa é um elemento de conversão deste, em signo "histórico" (no sentido de "história" de Benveniste), cuja função é meramente representativa, isto é, a de remeter a predicções objetivas, sem correlação com a realidade discursiva.

A seguir, é preciso, como no caso dos verbos tirar, matar, etc, fazer uma análise dos verbos contidos nos enunciados em discussão. Verificamos que os verbos babar, dormir, chegar atrasado e fazer xixi podem ser enquadrados entre os "activities" da descrição de Dowty (ver citação p.52). Expressam ações que são realizadas por seres animados, quase sempre humanos. Apresentam, pois, uma restrição de seleção quanto ao sujeito, que deve ser um "ser animado" (e também "humano", no caso de "chegar atrasado").

Reanaliseemos "babou" e as demais ocorrências das p. 61-62, de posse das precisões acima. Perceberemos que no relato de uma experiência intrinsecamente pessoal, onde é compulsória a presença de um sujeito animado (e humano), observa-se um recuo para a "3ª pessoa". Em outras palavras, uma restrição lingüística é violada. Formas de expressão não-desviantes que substituissem os enunciados "babou", "num dormiu", "chegou a atrasada" e "fez xixi comprido", naqueles contextos, poderiam ser encontradas nas formulações abaixo:

(1) Babei, mas foi sem querer.

(2) Não dormi, apesar de ter tentado.

(3) Cheguei atrasada, mas não foi por minha culpa.

(4) Fiz xixi comprido, e foi sem querer.

onde se tem, na primeira parte dos enunciados, a esperança da "correção" da expressão lingüística, seguida por um comentário modalizador, reparador da "correção" anterior, imposta à forma verbal. Veja-se que neste "comentário" a linguagem estaria exercendo a sua função dêitica, subjetiva, pragmática (como quer a chamemos), enquanto que na expressão do evento ("babar", por ex), a pura função referencial (ou denominativa, como a chamou Benveniste no trecho acima transcrito). Não é esta a saída de A. Porém, não é menos eloquente, pois conhecendo-se as características de narrativa associadas à "3ª pessoa", não há como negar que, com o seu desviante "babou", a criança alcance sinteticamente expressar (no nível morfossintático), aquilo que poderia ser mais extensa ou analiticamente expresso num outro nível, pelos marcadores de subjetividade, modalidade. De fato, pode-se, sem cometer abuso, interpretar os enunciados de A, como querendo significar, respectivamente, (1), (2) (3) e (4).

4.2. A ORDEM SINTÁTICA

Além da flexão um outro dado deve ser levado em conta na análise dos enunciados que estamos estudando: a ordem sintática.

Na língua adulta, para expressar uma mu-

dança de locação sem intervenção de agente, pode-se ter tanto V N, quanto N V: "O botão saiu"/"Saiu o botão" (a ordem é livre). No 'corpus' de A esta ordem é na maioria dos casos V N. Por ex:

"Tirou a ponta"

"Tirou o meu esmalte"

"Tirou o botão do casaco"¹⁰

Para nós, isto reflete a manutenção da ordem S V O quando no evento a ser expresso não existe agente. O objeto não passa para a posição anterior ao verbo (que parece assim reservada para o agente), permanecendo posposto, de acordo com a ordem canônica. Um exemplo claro desta tendência na fala de A é a sequência de ocorrências abaixo:

- (A tinha ganhado do pai dois anéis; ficara radiante; a mãe lhe diz qualquer coisa no sentido de conservá-los)

A. Cê vai durar*/ vai durar prá todo eu crescer (= (o anel) vai durar até eu crescer?)

M. Hum-hum.

A. Prá quando eu crescer?

* Atenção para esta transformação de estrutura impessoal em pessoal, fenômeno da mesma classe dos mencionados na nota 8.

(Di - 4;10.27)

- (com o mesmo tipo de preocupação da ocorrência anterior)

A. Vou te contar uma coisa bem verdade. Vai durar esse bastante?

M. Vai.

A. Vai durar esse bastante?

M. Vai. Por que cê tá preocupada com isso?

A. Eu queria que você me dizia uma coisa. Vai durar bastante aquele anel? (= Aquele anel vai durar bastante?)

(Di - 4;10.27)

Comparando-se as duas seqüências acima, vê-se que a criança estrutura inicialmente o que quer expressar numa seqüência N V N (à qual estariam subjacentes as noções de Agente-Ação-Objeto), como se este fosse o primeiro modelo de sentença que tivesse à disposição. Em seguida passa para uma estrutura sem agente, mas continua a manter a ordem V N, não fazendo a transposição do objeto "esse (anel)", "aquele anel" para a posição de sujeito gramatical. Tem-se a impressão, então, de que esta posição é reservada para o agente: quando este não existe, a criança deixa a sua posição vaga.

Notemos que não são nas ocorrências de tirar (por sair) como também nas de matar (por morrer), a ordem V N é observada¹¹.

- (contando para a mãe coisas que ouvira o amiguinho contar)

A (emocionada). Mãe, diz que na escola do Danilo apareceu uma pessoa pobre... com frio e... matou a pessoa.

(Di - 4;8.25)

Temos motivos para pensar que este procedimento é geral. Atinge não só os causativos lexicalizados (tirar, matar), mas aqueles que são ambivalentes, isto é, que entram numa estrutura transitiva e intransitiva, para expressar respectivamente: mudança de estado/locação com a participação de um agente (= 1), mudança de estado/locação sem a participação de um agente (= 2). Se formos levantar as ocorrências de tais verbos em contexto adequado para 2, veremos que é comum a ordem V N, como se houvesse uma resistência em colocar na posição de sujeito um termo que não é agente. Exemplos:

- (referindo-se ao tecido, destinado a short, que tinha se desdobrado)

A. Ah... Desdobrou meu shortinho!

(Gr - 3;1)

- (brincando de escrever na lousa com a mãe)

A. A/agora ! Agora não posso dá outro pô cê.

M. Por que?

A. Quebrou todo esse daqui (giz).

(Gr - 3;3.27)

- (A está guardando discos numa caixa)

A. Encheu a caixa.

(Di - 3;2.1)

- (A conta à mãe que a televisão apresentou defeitos na imagem; responsabiliza o pai, que tinha mudado de canal)

A. E aí esragou a ligação porque ele mudou
prô outro canal.

(Di - 4;10.9)

- (A conta à mãe como a cachorra da vizinha fora enterrada)

A. Ela foi em cima (= em baixo) do carro, morreu e tampou areia nela.

(Di - 3;10.11)

- (olhando para o carrinho da irmã, nota que existe uma fita adesiva no lugar em que há uma saliência provocada pela junção de dois ferros)

A. Mãe, que que é isso daqui ? Cortou isso daqui?

M. Não, bem, isso é fita que a mamãe pôs para não machucar a Ju.

(Di - 4;7.22)

As duas últimas ocorrências acima podem ser consideradas como desviantes em relação à expressão de voz passiva: "areia foi tampada nela" e "isso aqui foi cortado", cuja relação com verbos do tipo de quebrar, abrir, etc, é bem apontada por Lyons.

"The passive of the transitive verb "open" (...) has the same valency as the active of the intransitive verb "open". The difference between "The door was opened" (without the adjunct "by John") and "The door opened" is that the former represents the situation as an act in which the agent is not referred to, whereas the latter represents the situation as an event (which may or may not be an act)."

(Cf. Lyons 1977:487)

No que diz respeito a sentenças passivas, podemos dizer que elas são bem raras no 'corpus' de A.

No período compreendido pela pesquisa (2;8 a 5), registramos somente 4 ocorrências, três das quais entre 4;2 a 4;11¹².

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da sessão precedente, ao tentarmos levantar uma hipótese explicativa para a ocorrência de enunciados do tipo de "tirou o esmalte" (por "saiu o esmalte"), procuramos - em 4.1 - aproximá-los de outro tipo de enunciado ("babou", por "babei"), atribuindo a ambos uma só origem para seu caráter desviante: uma estratégia de apagamento sistemático do agente, pela flexão de "3ª pessoa". Notemos, a título de precisão, que tal estratégia - tal como a imaginamos - visava excluir não só o próprio sujeito da enunciação como agente responsável pelo processo, como qualquer outro ser (inclusive não-animado), que pudesse desempenhar o papel de agente iniciador do processo. Assim é que, em "tirou a ponta", a espontaneidade ou não-causatividade do processo (marcada pela "3ª pessoa") deve ser interpretada tanto como: "não eu", como também como "não apontador"; diferentemente, em "babou", a exclusão é somente do sujeito da enunciação.

Ainda na sessão precedente, reconhecendo nos enunciados do tipo de "tirou o esmalte" uma preferência pela ordem V N sobre N V, procuramos - em 4.2 - interpretar tal fato como sendo determinado por uma re-

gra de produção subjacente em que a criança associasse a um sintagma nominal preposto ao verbo (em outras palavras, ao sujeito gramatical) a marca de agente. Não precisamos lembrar aqui quantos fatos em português contribuiriam para a inferência de uma tal regra.

Com a consideração destes dois elementos - flexão e ordem sintática - julgamos ter podido formular uma explicação preliminar para os dados de que dispomos.

Não poderíamos, porém, encerrar este artigo sem considerarmos certas implicações de nossa hipótese.

Sendo correta nossa explicação, uma consequência que imediatamente daí se pode extrair é a de que na aquisição do português por nosso sujeito, há uma prioridade do processo sintático (ou morfossintático) sobre o lexical. Com efeito, no período estudado, apesar de não serem desconhecidos os itens sair ou morrer (por ex.), é, predominantemente do recurso morfossintático da flexão que a criança lança mão para expressar conteúdos puramente descritivos (não-agentivos). Lembremos que, da mesma maneira, em período anterior (o dos desvios do tipo 1, mencionado na p. 1), apesar de não serem desconhecidos os itens tirar e matar, era predominantemente do recurso sintático da ordem que a criança se valia para expressar causatividade. Diante disto, pode-se dizer que a criança elegera como recurso prioritário para expressar conteúdos semânticos, o procedimento sintático, negligenciando o lexical. Tal prioridade choca-se, inclusive,

com uma opinião mais ou menos difundida de que o léxico é mais facilmente adquirido do que outros procedimentos gramaticais (a precedência da holófrase sobre o período de dois vocábulos seria uma evidência disto...). Esta opinião fica, porém, questionada quando se trata - como é o caso deste nosso trabalho - de uma análise de erros envolvendo verbos. Estes itens não podem, com efeito, serem considerados fora da S que os contém. A sua semântica requer um tratamento simultâneo de sua sintaxe, por que são interligados. Os dois componentes não podem ser isolados, e, provavelmente não estão também isolados quando da formulação pela criança de hipóteses sobre o funcionamento de sua língua materna. É isto, pelo menos, aquilo em que acreditamos ao afirmarmos, na p. 48, que a nossa hipótese para os dados de A pode ser caracterizada como sendo uma hipótese sintática, semanticamente motivada.

O desenvolvimento particularmente tomado por nossa hipótese neste artigo acaba - é preciso reconhecer - por permitir sobre a especificação "semanticamente motivada", a oportunidade de uma leitura diferente. De fato, na medida em que, para explicar os desvios do tipo 2 configurou-se a necessidade de adotar uma visão de linguagem como constituída por dois planos (o do discurso e o da história), somos levados a entender o termo "semântica" num sentido mais amplo, que inclui a pragmática. A seguir esta linha de desenvolvimento, a continuação deste trabalho poderá - cremos - revelar a

62X
necessidade de se postular, para a explicação dos fenômenos subjacentes à aquisição da linguagem, relações interdependentes entre os componentes sintático, semântico e pragmático.

NOTAS:

- 1) A palavra "desvio" pode suscitar algumas idéias inadequadas em relação ao que queremos significar, tais como a de que as ocorrências em questão são esporádicas, marginais, ou então - o que é pior - que o sistema de expressão da criança, comparado ao do adulto, é incompleto e precário, sendo insuficiente como meio de intercomunicação. Uma e outra implicação são falsas. Porém, na falta de vocábulo melhor, estamos mantendo este, lembrando que o utilizamos no sentido em que vem sendo usado na literatura, isto é, como sendo o resultado de uma hipótese supergeneralizada da criança sobre a organização gramatical da língua a que está exposta, hipótese esta sem confirmação total no sistema lingüístico adulto.
- 2) Na falta de designação melhor, estamos chamando de incoativos, os verbos que expressam uma mudança de estado ou locação sem participação de agente.
- 3) Remetemos o leitor para o nosso trabalho "On the development of causativity's expression: a syntactic hypo-

thesis, a ser publicado no Journal of Child Language.

- 4) Bowerman afirma: "Thus, one should hear not only sentences like "I'm just gonna fall this on her", but also "The papers cuts", "The fly killed" (died), "The key lost"(become lost). While errors of this type have occurred occasionally in Christy's speech, they have been extremely rare compared to the reverse error." (cf. 1974: 148).
- 5) De 2;8 a 3;1 estas gravações foram feitas com intervalo de mais ou menos 15 dias e duração aproximada de 30 m por sessão, totalizando 10 sessões, com 5h e meia de gravação (1ª etapa). De 3;1 em diante as gravações foram semanais, com 30 ou excepcionalmente 45 m, totalizando 46 h de gravação (2ª etapa). As primeiras sessões foram gravadas em fita Cassette, em aparelho National e as últimas em fita Scotch 211 ou 212, em gravador Sony TC-105.
- 6) Os causativos ensinar, matar, tirar, etc diferenciam-se de desenhar, construir, etc no seguinte sentido: nos últimos o efeito da mudança que eles expressam não é percebido como parte da significação do item verbal, da mesma forma que no caso dos primeiros. Veja-se o teste abaixo: "Eu desenhei um círculo" não admite como paráfrase natural: "Eu fiz o círculo ficar desenhado", enquanto que "Eu matei o inseto" admite como paráfrase "Eu fiz o inseto ficar morto". A designação de "verdadeiros transitivos", atribuída aos

primeiros por Lyons (cf. 1968: 384), talvez possa então ser compreendida comparativamente: eles não podem prescindir de um objeto semântico, tal como - de certa maneira - podem fazê-lo verbos como tirar, matar, etc.

Queremos ainda mencionar que uma análise exaustiva de interpretações causativas atribuídas a verbos do tipo de desenhar é encontrada em Jessen (cf. 1975), que levanta problemas sobre a classificação de Dowty. Tal discussão está, porém, fora do escopo deste trabalho. Não a levaremos em conta principalmente porque, neste estágio de desenvolvimento da linguagem que estamos estudando, ainda não estariam presentes as variáveis que interfeririam para tornar um verbo da classe dos "activities", interpretável como causativo.

- 7) Para os nossos propósitos, basta assinalar a estrutura complexa do enunciado causativo (e de sua contraparte incoativa), pela indicação dos predicados envolvidos. Não vamos aqui, considerar e/ou avaliar as várias possibilidades de representar e hierarquizar tais predicados (para tal ver em Dowty 1972, discussão em torno da adequação descritiva do modelo de McCawley).
- 8) Um certo número de enunciados não-pessoais que a criança agentiviza registrados entre 3;2 e 4;4, fornece evidência empírica para esta afirmação. Compreende desvios sobre estruturas lingüísticas que, de algum modo, escapam ao sentôide canônico (Agente-ação-objeto)

(cf. Bever 1970 e Fodor, Bever e Garret 1974). Trata-se:

a) de desvios com verbos - chamados *impessoais* pela gramática tradicional - que não ocorrem com sujeito, ou se ocorrem, este é um ser não-animado. Ex: fazer calor.

- (sentido-se encalorada, diz à mãe)

A. O vestido está fazendo calor. (Di - 3;2)

- (a mãe censura A por ter-se despido na festa, no dia anterior)

M. Todo mundo de vestido! Você foi a única que tirou a roupa!

A. Mas (a) /mas (a) a roupa tava muito calor. De vestido. (Di - 3;2.27)

b) de desvios com verbos que tomam como sujeito uma S. Ex: não tem jeito de...

- (uma amiguinha de A estava impossibilitada de brincar por algum motivo; a mãe insiste em saber)

M. Anamaria, mamãe tá perguntando se a Ana Lúcia tá aí.

A. Não.

M. Vai chamar Ana Lúcia prá vim brincar, vai.

A. Ela não tem jeito (= não tem jeito dele vir) (inaud.) (Gr - 3;2.13)

c) de desvios com verbos que se constroem com FN preposta, à qual se atribui não uma leitura de agente, mas antes de paciente. Ex: coçar (= sentir coceira), nascer (dente), fazer aniversário.

- (A está vestida com meias longas sob o macacão; a mãe vendo-a inquieta, pergunta)

M. Tá sentindo calor ?

A. Tô coçando na perna (= minha perna está coçando).

OBS: A não estava se coçando; logo estava sentido coceira. (Di - 4;3. 12)

- (a mãe observa J, irmã de A, que leva objetos à boca pra coçar a gengiva)

M. Tá pondo tudo na boca, né Juliana? É o dentinho querendo nascer?

A (interessando-se). Ela vai nascer dente? (= o dente dela vai nascer? dente vai nascer nela?) (Di - 4;3.15)

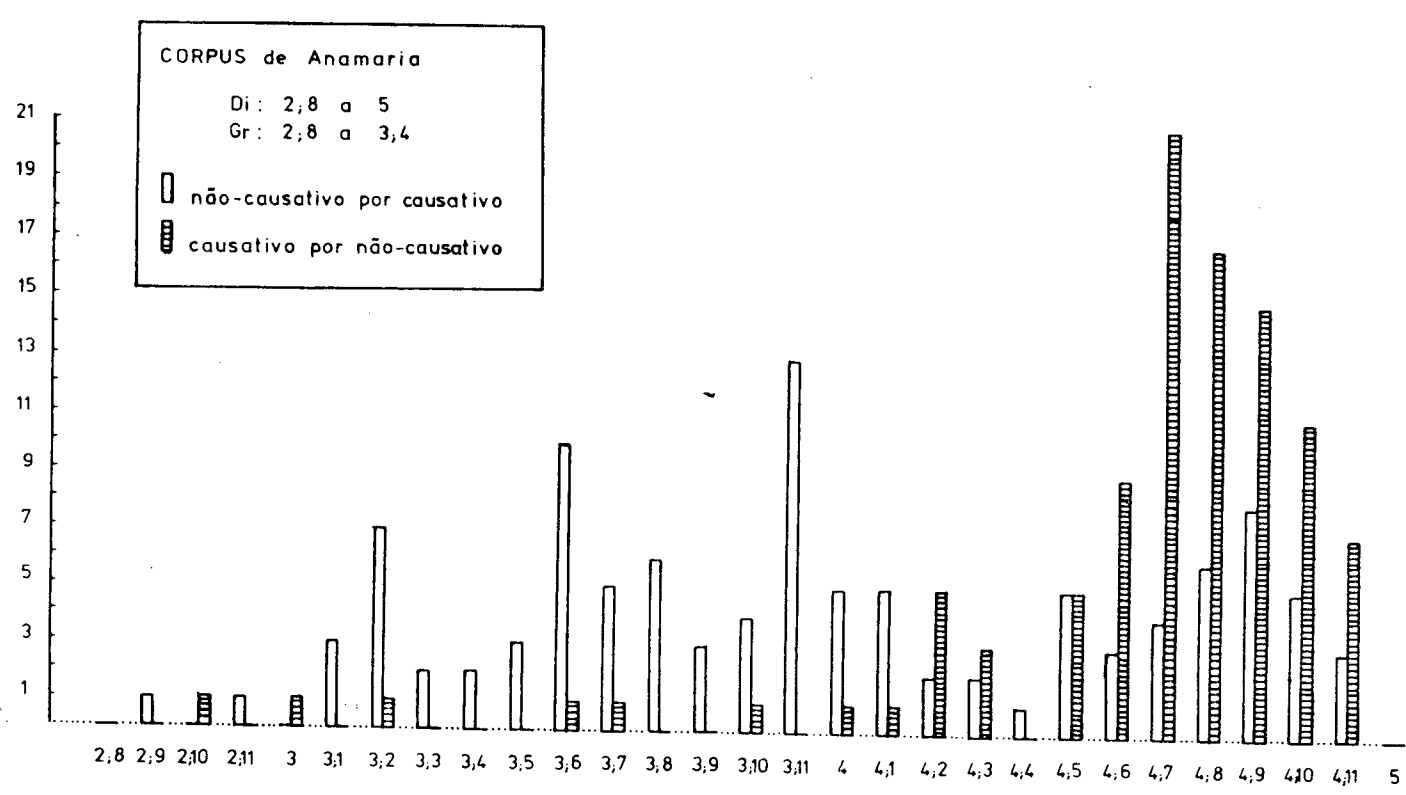
- (junto com a irmã no cercado, não quer ficar ao alcance de sua boca)

A. Não Juliana, eu não posso ficar aí... cê tá nascendo dente. (= tá nascendo dente em você / seu dente tá nascendo) (Di - 4;4.7)

- (falando sobre seu aniversário, A se lembra de que outras pessoas de sua família também fazem aniversário)

A. Eu fiz aniversário do meu pai, minha mãe... (= meu pai fez aniversário, minha mãe (fez aniversário)) Mãe, quando a Ju faz aniversário? (Di - 4)

- 9) Faremos as citações a partir da tradução da obra para o português (1976).
- 10) Das 83 ocorrências de tirar por sair, registradas no 'corpus' de A, 39 têm objeto elíptico (subentendido pelo contexto lingüístico ou extra-lingüístico). As ocorrências com objeto claro são 44. Destas 28 têm a ordem VN e 15 a ordem NV.
- 11) Se a ordem VN não pode ser encontrada nos outros pares do quadro 2 (procurar por achar, e ensinar por aprender), isto pode ser explicado pelo fato de que têm valências diferentes em relação a tirar e matar.
- 12) Uma destas ocorrências pareceu-nos claramente ser imitação do discurso adulto.



REFERÊNCIAS:

- BENVENISTE, E. 1966. Problèmes de Linguistique Générale I. Paris: Gallimard. Tradução brasileira: Problemas de Linguística Geral I. São Paulo: Editora Nacional. (1976).
- BEVER, T. G. 1970. "The cognitive basis for linguistic structures. In J. R. Hayes (ed.), Cognition and the Development of Language. New York: John Wiley & Sons.
- BOWERMAN, M. 1974. "Learning the structure of causative verbs: a study in the relationship of cognitive, semantic and syntactic development". In PRCLD, 8 (142-178).
- DOWTY, D. R. 1972. "On the syntax and semantic of the atomic predicate CAUSE". In Papers from the Eighth Regional Meeting Chicago Linguistic Society (62-74).
- FODOR, J. A., BEVER, T.G. & GARRET, M.F. 1974. The Psychology of Language. New York: McGraw-Hill.
- FIGUEIRA, R.A. "On the development of causativity's expression: a syntactic hypothesis". In Journal of Child Language (no prelo).
- JESSEN, M. 1975. "Preliminaries to a theory of temporal journeys". Edinburgh Working Papers in Linguistics, 2 (109-126).
- LYONS, J. 1968. Introduction to Theoretical Linguistics. London: Cambridge University Press. Tradução

ção brasileira: Introdução à Lingüística Teórica. São
Paulo: Editora Nacional. (1979).

LYONS, J. 1977. Semantics 2. Cambridge: Cambridge
University Press.